



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

REFLETINDO SOBRE UM PROJETO DE LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO

Greice da Silva Castela¹
UNIOESTE - Cascavel-PR
Rita Maria Decarli Bottega²
UNIOESTE - Cascavel-PR
Eliete Aparecida Borges³
PG/UNIOESTE - Cascavel-PR

RESUMO: Partindo das discussões apresentadas por Maria Beatriz Zanchet (1988) – Literatura e subjetividade: a mediação do professor, Cláudia Riolfi (2008) – O “lugar nenhum” da literatura nas aulas de Língua Portuguesa e das entrevistas a José Fernando Modesto Silva e ao escritor Pedro Bandeira, disponíveis respectivamente nos seguintes sites: [HTTP://www.youtube.com/watch?v=8853SNeSwPQ](http://www.youtube.com/watch?v=8853SNeSwPQ), acesso em 09/11/2014 e [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=JtrQmxn2Hsc](https://www.youtube.com/watch?v=JtrQmxn2Hsc), acesso na mesma data pretende-se refletir sobre o Projeto: Cultivando a leitura, cujo tema é Língua Portuguesa, Ensino Fundamental I, disponível em: [HTTP://www.parceirosdaeducacao.org.br/boaspraticas/uploads/cultivando_a_leitura_ee_josa_amarico_versao_final_1348595896.pdf](http://www.parceirosdaeducacao.org.br/boaspraticas/uploads/cultivando_a_leitura_ee_josa_amarico_versao_final_1348595896.pdf), acesso em 10/11/2014.

PALAVRAS- CHAVE: Literatura; leitura; limitações do professor; ensino.

ABSTRACT: Based on the discussions presented by Maria Beatriz Zanchet(1988) -Literature and subjectivity: the teacher' mediation, Claudia Riolfi (2008) -The “nowhere” of literature in Portuguese Language classes an don the interviews with Fernando José Modesto Silva and the writer Pedro Bandeira, respective lya vaila bleat the following sites: [HTTP://www.youtube.com/watch?v=8853SNeSwPQ](http://www.youtube.com/watch?v=8853SNeSwPQ), accessed on 11/09/2014and[HTTPS://www.youtube.com/watch?v=JtrQmxn2Hsc](https://www.youtube.com/watch?v=JtrQmxn2Hsc), accessed on the same date, it is intended to reflect on the Project: Cultivating reading, whose theme is Portuguese Language for Elementary School,availableat:[HTTP://www.parceirosdaeducacao.org.br/boaspraticas/uploads/cultivando_a_leitura_ee_josa_amarico_versao_final_1348595896.pdf](http://www.parceirosdaeducacao.org.br/boaspraticas/uploads/cultivando_a_leitura_ee_josa_amarico_versao_final_1348595896.pdf), access10/11/2014.

Key-words: literature, reading, teacher's limitations, teaching.

Considerações Iniciais

¹ Doutora em Estudos neo-linguísticos (2009). Professora do Centro de Educação, Comunicação e Artes no Programa de Pós-Graduação em Letras, Nível de Mestrado Profissional na Universidade Estadual do Paraná - UNIOESTE - Cascavel-PR. Contato: greice.castela@unioeste.br.

² Doutora e professora do Mestrado Profissional em Letras na Universidade Estadual do Paraná - UNIOESTE - Cascavel-PR. Contato: ribottega@uol.com.br

³ Mestranda- Mestrado Profissional em Letras Profissional na Universidade Estadual do Paraná - UNIOESTE - Cascavel-PR. Contato: eliete.borges@yahoo.com.br.

Inicialmente, este trabalho retoma algumas das contribuições de Maria Beatriz Zanchet (1988) e Cláudia Riolfi (2008) em relação às aporias dos dias de hoje subjacentes à grande quantidade de informações em detrimento à imaginação e à cultura. Para as autoras, é importante valorizar a imaginação, uma vez que ela é a responsável pela transformação da experiência em conhecimento.

Ambas questionam sobre o conceito de literatura e para Riolfi (2008) “a questão é respondida pelo critério da existência física: literatura são os livros que existem na biblioteca”. (RIOLFI, p.79). No entanto, essas dificuldades encontradas em relação ao conceito são muito bem esclarecidas no vídeo por José Fernando Modesto Silva ao afirmar que “as escolas do ensino fundamental têm bibliotecas equipadas com acesso à internet, no entanto o uso que está sendo feito desse recurso simplesmente garante o acesso às informações, deixando a desejar as atividades de leitura”.

Para Silva (2014), a biblioteca pressupõe uma estrutura, uma sistematização e que garanta autonomia ao aluno quanto à busca do saber. Ao aluno é necessário possibilitar uma escolha em relação ao que lhe interesse, ao que deseja conhecer, aprofundar seus conhecimentos e a refletir sobre seus contextos. E quando é questionado sobre o que compete ao professor em relação à biblioteca, responde sobre a necessidade do professor em cobrar dos gestores das instituições nas quais atua, uma biblioteca que disponha de um acervo e de recursos humanos qualificados necessários para o atendimento a toda comunidade.

O teórico estabelece uma relação entre a biblioteca e a internet. Para ele, a internet potencializa o serviço que a biblioteca oferece, contribuindo para o acesso à informação sobre seu acervo e o de outras bibliotecas que compõem uma rede. É importante que o usuário saiba como ser um produtor de conteúdo na rede além de poder atribuir qualificação a uma dada informação. A essa característica de autoria, funde-se a de inclusão, uma vez que a biblioteca é um espaço democrático por natureza. Assim, tudo o que está lá pode ser utilizado e a internet, por meio de uma linguagem hipertextual, disponibiliza de vários recursos para que se possa garantir tal característica.

Riolfi (2008, p.89), ao final do capítulo, apresenta asserções referentes à biblioteca para serem avaliadas como “muito importante”, “importante” e “irrelevante”:

- 1) As condições materiais da biblioteca ou sala de leitura.
- 2) Facilidade de acesso ao material de leitura.
- 3) Divulgação para os alunos frequentarem a biblioteca ou a sala de leitura.



- 4) Realização de campanhas para que os alunos retirem livros nas bibliotecas.
- 11) Os professores têm acesso a revistas especializadas em literatura.
- 15) Visitas monitoradas a bibliotecas”.

A teórica, ao elaborar seis questões relacionadas ao espaço no qual, na maioria das vezes, são realizadas as leituras dos textos literários também critica, pois além da literatura nas aulas de Língua Portuguesa serem o “lugar nenhum”, dependendo das condições nas quais se encontram as bibliotecas no Ensino Fundamental, também podem ser exemplos de “lugares nenhuns”.

Para Zanchet (1988, p.52), o conceito de literatura apresenta-se fundamentado em Barthes:

Eu dizia a pouco, a respeito do saber, que a literatura é categoricamente realista, na medida em que ela sempre tem o seu real por objeto do desejo: e direi agora, sem me contradizer, porque emprego a palavra em sua acepção familiar, que ela é também obstinadamente : irrealista; ela acredita sensato o desejo do impossível.

Com efeito, pensar em literatura é ir além das fronteiras das várias realidades, é dialogar com outros saberes contidos em outras esferas, é chegar à esfera da imaginação, que por sua vez, envolve enunciados como “o belo”, “o justo” e o “verdadeiro”. E essa configuração da imagem humana, não é mera materialidade, num processo de decodificação. Por outro lado, a subjetividade da leitura do texto literário envolve investimentos pessoais do sujeito leitor.

2. Literatura Trivial, O Que Dizem As Autoras?

Tanto Maria Beatriz Zanchet (1988), quanto Cláudia Riolfi (2008), em relação à literatura trivial, apontam para uma série de problemas. A primeira estudiosa afirma que a literatura trivial não necessita da intervenção da escola e entra no esquema dos mass media. Para explicar detalhadamente sobre as características de tal literatura, fundamenta-se nas descrições elaboradas por Umberto Eco: é homogênea, como função conservadora, objetiva as sensações intensas e imediatas, sugere o que o público deve desejar, não provoca esforço fruidor, estimula a passividade e uma visão acrítica do mundo, criada para entreter e atuar no nível superficial da atenção do leitor, não amplia as experiências

individuais, como se pautam pelos modelos oficiais, favorecem o preconceito e criam a ilusão de acesso igualitário, com a anulação das diferenças de classes sociais.

Riolfi (2008, p.76), relaciona a literatura trivial à lista dos bestsellers, relacionados por ela logo no início do capítulo. Essa associação é levantada por meio do seguinte questionamento: “O que podemos fazer para que os textos de ficção que circulam nas aulas de Língua Portuguesa não sejam similares aos *bestsellers* se esses contrapõem à política do gosto médio?”

Esse gosto médio que corresponde ao que chama de obra digerível, ou ainda de um *self-service* como uma opção do texto literário para a leitura é muito criticado pela autora. Segundo ela, o ensino de literatura deve se contrapor a esse gosto. No entanto, afirma que, na maioria das vezes, a leitura do texto literário serve para discutir questões pertinentes a práticas pedagógicas, com caráter moralizador, disciplinador, envolvendo modelos de texto nos quais o desfecho trata de uma punição para a personagem que agiu fora dos padrões determinados pela ordem social e com a condecoração dos conformados que não se desviaram das leis previamente aprovadas pelos que detém o poder. Com efeito, em nome dessa “formação global” e devido à injunção utilitarista, os livros não são mais interessantes e impedem que a palavra literária atinja o puro gozo.

3. O Problema Da Tradução

A tradução é um outro problema apontado por Riolfi (2008). Segundo a autora, as principais causadores desse problema são as editoras, que encontraram nas traduções uma forma de lucrar com as vendas de livros de literatura. É claro que determinadas obras, tendo em vista a maturidade do leitor, não devem ser lidas na íntegra por ele. Nesse caso, necessita-se na intervenção do professor que irá indicar alguns capítulos para que proceda a leitura. Por outro lado, a autora sugere as traduções feitas em histórias em quadrinhos lançadas por algumas editoras, são elas: *Dom Quixote* (a do cartunista Caco Galhardo e a de Will Eisner), *Em busca do tempo perdido* e *A Metamorfose*.

4. As Limitações Do Professor

Como o professor está inserido num contexto escolar, faz-se necessário discutir inicialmente como se apresenta esse ambiente de ensino-aprendizagem. O que se observa é que muitas vezes a escola não operacionaliza mudanças quanto à metodologia e à diversificação de leituras serem trabalhadas. Isso fica bem evidente devido à carga horária dos profissionais envolvidos nesse processo educacional, pois preparar aulas nas quais o aluno se envolverá com novos assuntos, demanda tempo.

Para se adicionar a esse fator, as famigeradas fichas de leitura muito contribuíram para o desinteresse pela leitura do texto literário. Outras atividades que privilegiam meramente o texto como: classificar a escola literária a que pertence o referido texto, enumerar as características dessa escola, enumerar as personagens, descrever o espaço, indicar o tempo, identificar o clímax, o foco narrativo e o desfecho, também não farão com que o aluno penetre na esfera dos desejos.

Soma-se a isso, ao identificar o autor de determinado texto, o professor solicita ao aluno que pesquise sobre a biografia do autor, sem, logo após essa pesquisa, intermediar estabelecendo uma relação entre as informações pesquisadas entre a obra que será lida. E nesse ambiente escolar, no qual elaboram-se fichas de leitura, listam-se períodos literários e vida e obra de autores, também sobra pouquíssimo tempo para se estabelecerem os objetivos da leitura literária.

Além dessa visão do ambiente escolar que envolve uma metodologia, inclusa num plano de aula, que por sua vez está inserido dentro de uma proposta política e pedagógica de um determinado estabelecimento de ensino, Zanchet (1988) aponta para cinco questionamentos quanto às limitações do professor e procura determinar o papel desempenhado pelo professor nesse “festim alimentar”.

O desconhecimento sobre a concepção de literatura é uma grande preocupação, no entanto, não gostar de ler é ainda pior. Sabe-se que a falta de entendimento sobre um determinado assunto pode muito bem ser resolvida por meio da leitura o que torna o desejo de se alimentar várias vezes, de não se repugnar mediante determinado prato que lhe é oferecido.

Outra comida ou ainda, experimentar um outro alimento após ter concluído seus estudos acadêmicos, também constitui uma outra limitação. Muitos professores se acomodam e não se disponibilizam para a leitura de outros textos literários: como, em seus estudos iniciais, já havia saboreado um Machado de Assis, nunca mais quis sequer experimentar um Luiz Vilela, por exemplo.

Outras “limitações culinárias” referem-se à leitura das mesmas obras literárias ou, pior ainda, de outras obras com as quais, os professores não têm experiência. Isso ocorre devido à falta de tempo para planejar as atividades de leitura de textos literários. Então, conclui-se que como o professor não

tem o sabor do saber, não será capaz de levar o seu aluno à degustação de obras literárias que muito poderão contribuir para a sua formação como leitor de uma literatura que não seja a trivial. Assim, para a autora, o verdadeiro papel do professor, o mestre da cozinha, é o de mediador da subjetividade.

Riolfi (2008) também aponta muitas limitações dos professores. Inicialmente, afirma que é preciso quebrar muito mitos: o da falta de tempo, o da injunção utilitária dos livros de literatura, o de achar que os jovens não se interessam pelos clássicos da literatura, o de não desenvolver aulas de leitura devido ao espaço das bibliotecas das escolas, o de apresentar aos alunos sempre as mesmas as mesmas obras literárias com a cobrança de um resumo ao término da leitura, da dificuldade de expressão artística do professor ao ler um texto em voz alta, do cuidado por parte do professor ao comentar uma obra, da disponibilidade do professor em convidar os alunos menos tímidos para cantar com ele uma canção de modo rimado, de gostar realmente de ler livros de literatura, de sugerir outros livros além dos propostos no livro didático e nas listas dos concursos vestibulares, de poder intermediar com subjetividade as leituras das obras literárias quanto aos mais variados aspectos, dentre os quais o linguístico, sendo capaz de atualizar a linguagem de uma determinada obra.

Pedro Bandeira também aponta para algumas limitações do professor. Segundo o autor, a escola brasileira foi uma instituição criada para a elite, para formar a grande minoria e nessa concepção, o professor foi treinado para excluir o mau aluno com dificuldades educacionais. No entanto, a missão do professor é a de trabalhar com quem tem dificuldade, para que o aluno que não gosta de ler seja conquistado por ele. Assim, por meio do prazer pela leitura, característica inerente ao professor, deve recuperar esses alunos, deve realfabetizá-los e conclui que “se o professor não fizer isso, quem o fará?”

5. Análise Sobre O Projeto De Leitura

O Projeto “Cultivando a Leitura – Tema: Língua Portuguesa – Ensino Fundamental I” é o nosso objeto de estudo e sobre ele faremos a nossa reflexão. Para essa análise vamos focalizar o tema, os objetivos, a justificativa, o contexto de aplicação, a metodologia, os materiais e os resultados.

O tema trata da leitura, no entanto não se refere de modo específico, se é a do texto literário. Outra constatação é a de que o Ensino Fundamental I envolve cento e vinte alunos das quartas séries, no entanto os “sabores” para os textos literários são muito variáveis. Assim, necessitava-se delimitar a que tipo de leitura deveria ser destinado e a variedade de obras contida nas bolsas de leitura, deveria ser

ampliada. Outro problema que não fica claro no tema é se as respectivas famílias dos alunos também será envolvida nesse projeto de leitura.

Quanto aos objetivos, torna-se importante refletir sobre cada um deles de forma particular. O primeiro deles é o de incentivar a leitura nos âmbitos escolar e familiar, no entanto, o que se percebe, por meio das fotos, da metodologia e dos materiais, é o fato de que o espaço do projeto limita-se ao ambiente escolar. O segundo é despertar o interesse do aluno pela leitura, mas, novamente, não se faz alusão à leitura do texto literário, uma vez que nas fotos os alunos não estão mostrando livros de literatura.

Uma junção utilitarista é apresentada no terceiro objetivo quando se afirma: “ampliar o vocabulário e o contato com textos diversificados, tendo a leitura como referência para a escrita”. Então, entende-se que é preciso ler para escrever ao final do processo. E, além desse objetivo, o seguinte: “desenvolver responsabilidade, compromisso e cuidado com os materiais coletivos”, não deveria estar listado como objetivo, mas como uma necessidade de se cuidar dos livros que estão disponibilizados na sacola.

Justifica-se esse projeto devido à necessidade de propiciar a prática de leitura no ambiente familiar e promover a participação da família na vida escolar dos alunos. Tendo em vista essa afirmação, esperava-se que o projeto apresentado oferecesse uma metodologia destinada à família para o desenvolvimento de atividade de leitura do texto literário, no entanto isso não ocorre.

O contexto de aplicação apresenta as seguintes subdivisões: características da Escola, público alvo e ano de aplicação do projeto. Essa é uma escola em que a maioria dos alunos é morador de áreas de alta vulnerabilidade social, com dificuldade de acesso a bens culturais e o projeto envolve cento e vinte alunos da 4ª série no ano de 2012. A partir dessas explicações, evidenciou-se apenas a localização geográfica e social, os alunos ocupam um espaço classificado como vulnerável socialmente, em detrimento da descrição do contexto social (os alunos gostam de *rap*, de *funk*? Os alunos participam de Centros de Juventude? Frequentam a Associação dos Moradores do Bairro? – Existe uma Associação?). Além de enumerar um dado relevante, o de tratar-se de um projeto de leitura recente – 2012.

A Metodologia, que é subdividida em doze itens, será analisada com muita cautela. Inicialmente, faz-se necessário entender o conceito de metodologia: “parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela mesma recorre”. (DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa, p. 1911). E, a partir desse conceito, recorrer-se ao de método: “conjunto de regras e princípios normativos que regulam

o ensino ou a prática de uma arte”. (DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa, p. 1910). Então, esperavam-se aí os passos, desde os primeiros até aos finais, com o intuito de se atingir o objetivo, que deveria ser o de compreender a subjetividade da leitura do texto literário. No entanto, a organização desses passos, infelizmente não atende a essa concepção. O que se percebeu foi a falta de sequência, de organização (o que fazer primeiro e, logo em seguida, o que fazer).

De acordo com esse projeto, o primeiro passo é a criação da logo da bolsa. Pensa-se que, inicialmente se deveria mobilizar todos os envolvidos na escola para que soubessem que havia um projeto de leitura do texto literário e que as obras estariam disponibilizadas dentro das bolsas. O segundo passo é o de seleção dos materiais a serem utilizados: livros, revista e gibis. No entanto, não se sabe ao certo quais os critérios para se selecionar essas publicações (quais livros, revista e gibis seriam selecionados?).

A elaboração de ficha de leitura e da carta de orientação aos alunos é um passo que merece muita reflexão. As atividades de escrita desenvolvidas durante o projeto deveriam observar as orientações de acordo com a tabela abaixo:

Comando de produção escrita	Finalidade	Indica o querer dizer
	Interlocutores	Define para quem dizer
	Gênero discursivo	Especifica o como dizer
	Suporte	Define onde se vai dizer o que se tem a dizer
	Circulação	Estabelece-se o modo/veículo de circulação do que se tem a dizer
	Posição social do sujeito-autor	Assume-se um papel social

Fonte: adaptação de Costa-Hübes (2012)

Essa tabela propõe um projeto de escrita que poderia ser desenvolvido em sala de aula contemplando as seguintes necessidades: o querer dizer, para quem dizer, como dizer, onde se vai dizer

o que se tem a dizer, o modo/veículo de circulação do que se tem a dizer e a assunção do papel social desse dizer. No entanto, o que não se quer dizer é que a leitura do texto literário esteja sendo comparada à leitura de um determinado gênero textual. Segundo Zanchet (1988, p.54) “decorre, então, a veemente preocupação com escolas e períodos, com autores e biografias, em detrimento do texto literário propriamente dito”. Riolfi (2008, p.81) “o texto literário sempre circulando nas brechas que encontra na lógica do mercado, rebela-se contra essa injunção utilitarista [...] no reconhecimento de que a literatura é algo diverso e muito além da função didática”. Desse modo, um projeto que versa sobre a leitura do texto literário deveria, ao organizar a sua metodologia no cardápio da sala de aula e/ou da biblioteca/sala de leitura, contemplar a palavra literária como puro gozo.

A organização do sistema de rodízio das bolsas (13 bolsas por sala) é o próximo passo. No entanto, não se sabe quem é que participou dessa organização (os familiares, a coordenação, os alunos do 4º ano, as professoras desses alunos).

Em seguida, a conversa inicial com os alunos explicando sobre o funcionamento do projeto e sua importância. Dependendo de como foi encaminhada essa conversa, se por um viés da leitura do texto literário como atividade de saber e prazer, com certeza os alunos se sentirão muito interessados pela leitura. Por outro lado, se lhes foi explicado da necessidade do preenchimento das fichas de leitura para posterior devolução, o caráter utilitarista da leitura gerará descontentamento.

Em seguida, procede-se à distribuição das bolsas contendo um livro, um gibi, uma revista infantil, uma ficha de leitura e uma carta de orientação e estímulo da professora da sala. Quanto à carta de orientação e de estímulo, a falta do conteúdo da carta para a análise compromete uma reflexão. Logo após, determina-se o prazo de uma semana para exploração do conteúdo da bolsa e preenchimento da ficha de leitura, recebe-se a bolsa e forma-se a roda de indicação literária. Aqui há um novo vazio: não se explica como se vai proceder para essa roda. Devolvem-se as fichas de leitura, monta-se um portfólio com as fichas de leitura (no entanto, não há indicação de como será realizada a atividade de montagem do portfólio) e prossegue-se o rodízio (finalizando o último passo).

Bolsa, livros diversos, gibis, Revistas Recreio e fichas de leitura são os materiais relacionados. Segue abaixo o Modelo de Ficha de Leitura utilizado nesse projeto:

NOME: _____ DATA: ___/___/___

Desenhe três cenas importantes da história. Faça quadrinhos com legenda.

FICHA DE LEITURA

Nome do livro: _____

Nome do autor: _____

Nome do ilustrador: _____

Quem são os personagens? _____

O que eles fazem na história? _____

Como é o personagem principal da história? _____

Qual é o personagem mais interessante da história? Por quê? _____

Onde se passa a maior parte da história? _____

Como é esse lugar? _____

Quando os fatos acontecem? _____

Como você sabe disso? _____

Esse livro fala sobre: _____

JUSTIFIQUE:

GOSTEI

NÃO GOSTEI

O que se observa é que há muitas limitações na ficha de leitura e de acordo com a nossa reflexão, chegamos às seguintes constatações:

- As questões evidenciam os elementos da narrativa: “Quem são os personagens? Onde se passa a maior parte da história? Quando os fatos acontecem?”.
- As questões são centradas no texto: “Copie o nome do livro, do autor e do ilustrador. Como é esse lugar? Como é a personagem da história? O que eles fazem na história? Como é a personagem principal da história?”.
- Apenas quatro questões fazem uma interlocução entre o texto e o leitor: “Como você sabe disso? Desenhe três cenas importantes da história. Faça quadrinhos com legenda. Sobre o que o livro trata?” (possivelmente solicitou-se ao aluno que escrevesse o assunto do livro). Gostei/Não gostei, justifique. Além disso, a ficha parece ser meramente para registro e não para socialização das leituras e da posição da família sobre o que foi lido.

- Os resultados subdividem-se em aspectos positivos e aspecto negativo. Apresentam-se como aspectos positivos: maior interesse dos alunos pela leitura, aumento na quantidade de leitura realizada pelos alunos por meio do rodízio, troca de informações entre os alunos sobre os livros lidos, melhoria na qualidade de interpretação por parte dos alunos, alcançou todos os alunos com diferentes níveis de aprendizagem e maior envolvimento da família. A demora na implantação do projeto foi o único aspecto negativo relacionado.

A partir dessas informações pode-se refletir sobre quais os meios para se verificar que isso realmente ocorreu? Não se verificou a partir de que houve um maior interesse? Foram as Fichas de Leitura que despertaram o interesse do aluno pela leitura do texto literário? De que modo houve o envolvimento dos familiares? Quantidade de leitura realizada é sinônimo de qualidade? Em que momento houve a troca de informações entre os alunos? Durante a confecção do portfólio? De que forma se constatou que os alunos começaram a interpretar melhor? Quanto tempo demorou para o Projeto de Leitura ser implantado? E por que houve essa demora?

Fundamentando-nos em Riolfi (2008, p.83) que insiste em “práticas de leitura que sejam não o desvendamento de todos os sentidos, mas a reduplicação do instante do não-entendimento”. Esse não-entendimento só seria conseguido caso o professor estivesse presente durante as práticas de leitura e fosse, de acordo com Zanchet (1988), um mediador de subjetividade, que questionasse, após algum intervalo sobre um trecho da obra que será lida na íntegra, sobre a obra tendo em vista a “palavra literária”.

Para Riolfi (2008, p. 84) durante as práticas de leitura, deve-se estar ciente de que “adentrar as especificidades do texto é, sobretudo, reconhecer seus espaços de conflito, os impasses, as mudanças, enfim, as diferenças de linguagem”. E, para que esse adentramento ocorra, faz-se necessário que o professor acompanhe de perto a atividade de leitura de seus alunos, por meio de uma leitura com entonação, com uma metodologia bem fundamentada, como por exemplo uma sugestão de sequência básica proposta por Cosson.

6. Sugestão de Sequência Básica Proposta por Cosson

É imprescindível que a partir da leitura do texto literário produza-se sentido. Para que essa atividade de leitura seja interessante, propor uma sequência básica constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação, seria uma excelente sugestão para o desenvolvimento de uma metodologia para um projeto destinado à leitura do texto literário.

Motivação é uma atividade de preparação para a leitura, objetivando a aproximação do aluno com a obra literária, exerce uma influência sobre suas expectativas de leitura e normalmente trata a leitura como uma atividade de saber e prazer. Assim, essa atividade requer um planejamento. O professor pode falar o título da obra para que o aluno explique sobre do que se trata; solicitar ao aluno que imagine uma solução para um problema ou que preveja determinada ação que ocorreria durante o desenrolar da leitura; produzir um texto junto com o aluno a respeito da temática; conversar com o aluno sobre a estrutura de um determinado texto; pedir ao aluno que elabore um dicionário, no qual irá definir de forma imaginária algumas palavras e, em seguida, socializá-las para a turma de alunos ; ao ler um poema, por exemplo, solicitar que mencionem outros poemas já lidos por eles e outras formas que dispõem essa preparação para a leitura de forma lúdica e prazerosa.

O segundo passo é a introdução, entendida como a apresentação do autor e da obra. Para se apresentar o autor é necessário fornecer informações básicas sobre ele e relacionadas ao texto que será lido. Quanto à obra, é interessante chamar a atenção dos alunos em relação aos aspectos paratextuais, a saber, a leitura da capa, da orelha e do prefácio, caso haja, além de se falar da importância da obra no momento de sua criação, com o objetivo de que ela seja recebida pelo aluno de modo positivo.

O terceiro passo diz respeito ao acompanhamento da leitura. Tendo em vista que a leitura escolar tem um objetivo, faz-se necessário que o professor acompanhe o aluno para auxiliá-lo em suas dificuldades. Desse modo, o professor deve convidar o aluno a apresentar os resultados da leitura por meio de intervalos, nos quais o professor irá convidar o aluno para conversar sobre o andamento da narrativa (isso pode ser feito por exemplo a partir da divisão de uma obra em capítulos). Durante esse momento de interação entre o professor e o aluno, haverá, por parte do professor, uma intervenção com o intuito de resolver as dificuldades de leitura encontradas pelos alunos, que podem estar relacionadas ao: vocabulário, conteúdo composicional, ao ritmo, à interação com o texto, ao desajuste das expectativas iniciais do aluno, o que garantirá a leitura do texto literário em sua totalidade, ou seja, interagir com o texto, entendendo a forma como se conta o que se conta. Assim, o aluno construirá sua



experiência única, que em nenhum momento pode ser vivida vicariamente, além de participar de uma experiência estética, que por sua vez também é peculiar de cada aluno.

O último passo é o da interpretação no qual subjazem dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior refere-se ao momento de encontro entre o aluno e a obra, no entanto esse encontro é individual, pois está atrelado à história de leitor do aluno (suas poucas/ou muitas experiências de leitura), suas relações familiares, ou melhor ainda, representa o que o aluno é no momento da leitura. Assim, entende-se que além da decifração, pode-se entender o momento interior como sendo o da ação social sobre o texto literário.

O momento exterior envolve a construção de sentidos do aluno que será implementada por meio de registros. Vários são os exemplos de registros: desenhar uma cena da narrativa e explicar aos colegas o seu desenho, escolher uma música que trate dos sentimentos de uma personagem ou dos próprios sentimentos do aluno ao ler o livro, escrever uma resenha para o jornal da escola, realizar uma performance dramatizando trechos ou vestindo-se como as personagens, registrar em um diário anônimo que será exposto em um varal no fundo da sala, realizar colagens que traduzem aspectos da obra, confecção de maquetes que serão expostas para toda a escola, realizar um júri simulado, realizar uma feira cultural e/ou feira do livro, organizar murais e cenários a partir da leitura da obra, cantar uma canção que diga tudo sobre determinada personagem, produzir uma resenha para circular entre os alunos da sala de aula, adicionar trechos à obra (prefácios, epílogos, períodos temporais na narrativa – o que aconteceu com a personagem dez anos depois ou dez anos antes, personagens, espaços), alterar os elementos da narrativa (as personagens, o tempo, o espaço, o enredo, o clímax, o desfecho) e muitas outras possibilidades de registros que variam de acordo com a imaginação do professor.

Considerações Finais

As noções de literatura, literatura trivial, limitações encontradas pelos professores quando desenvolvem projetos de leitura do texto literário, espaço adequado para que o aluno possa fazer a leitura do texto literário são assuntos que devem ser debatidos nos cursos de formação para os educadores, pois quando não se faz devido ao desconhecimento, deve-se relevar.



Cabe apenas lembrar, que nestas últimas considerações, ficou bem claro que toda a contribuição teórica vem ao encontro de um professor como um mediador de subjetividade e de que a leitura do texto literário apresenta uma metodologia própria desse tipo de texto.

Durante o processo de análise, percebeu-se que o maior problema do projeto: cultivando a leitura, foi o de ser pensado, inicialmente, com os alunos, para, depois, estender-se aos familiares. Ter uma bolsa riquíssima em livros, gibis e revistas, sem saber saboreá-las não é banquete. Além disso, as fichas de leitura e o portfólio não garantiram aos alunos a penetração na esfera dos desejos, a formação do prazer estético, tendo em vista que literatura é ir além das fronteiras das várias realidades, é dialogar com outros saberes contidos em outras esferas, é chegar à esfera da imaginação. É.

Referências Bibliográficas

COSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA-HÜBES, T da C. Encaminhamentos de produção de texto na escola: considerações sobre os gêneros. **Anais do VII SIGET**, Fortaleza: UFC, 2013.

Cultivando a leitura, cujo tema é Língua Portuguesa, Ensino Fundamental I, disponível em: HTTP://www.parceirosdaeducacao.org.br/boaspraticas/uploads/cultivando_a_leitura_ee_josa_amarico_versao_final_1348595896.pdf, acesso em 10/11/2014.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LINGUA PORTUGUESA.

Pedro Bandeira ensina como conquistar quem não gosta de ler. Disponível em <HTTPS://www.youtube.com/watch?v=JtrQmxn2Hsc>, acesso em 09/11/2014.

RIOLFI, Cláudia. O “lugar nenhum” da literatura nas aulas de Língua Portuguesa. In: _ ET AL. Ensino de Língua Portuguesa. São Paulo: Thompson Learning, 2008. P.75-93.

SILVA, José Fernando Modesto. Disponível em <HTTP://www.youtube.com/watch?v=8853SNeSwPQ>, acesso em 09/11/2014.



EDIÇÃO Nº 15

JANEIRO DE 2015

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014

ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

ZANCHET, Maria Beatriz Zanchet. Literatura e subjetividade: a mediação do professor. 1ª Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Cândido Rondon: Gráfica Escala, 1988. p.52-56.